

UMA ANÁLISE DO TRATAMENTO DA SEMÂNTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Carla Silva Bregagnol (Autora)
Leandro Zanetti Lara¹ (Orientador)

Resumo: Este trabalho objetiva fazer uma análise de um conjunto de livros didáticos de Língua Portuguesa, sobretudo no que respeita à forma como é tratado o conteúdo de semântica constante em tais obras. Para isso, tomaremos como base alguns conceitos gramaticais/linguísticos de cunho semântico, com vistas a fazer um exame dos tópicos de semântica presentes nos livros didáticos escolhidos para a pesquisa que se pretende aqui realizar. Além disso, serão sugeridas algumas propostas de ensino para se trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa a área abordada.

Palavras-chave: ensino de língua portuguesa, semântica, materiais didáticos.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a semântica é abordada nos livros didáticos e, para isso, foram escolhidos cinco livros de diferentes autores e correspondentes a diferentes séries, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. Como apoio para a análise, foram utilizados conceitos tanto de cunho gramatical (tradicional) quanto linguístico. Estes pressupostos teóricos recobrem dois domínios do conhecimento relevantes para as questões de ensino de semântica que requerem uma base teórico-linguística.

Na história dos estudos linguísticos, ao contrário da morfossintaxe, tradicionalmente, o estudo do significado das palavras e das frases esteve por muito tempo relegado a um segundo plano. Tal configuração histórica possivelmente teve uma influência no conjunto de livros didáticos voltados ao ensino do português. Neste contexto, cabe verificarmos de que forma os conceitos semânticos vêm sendo incorporados aos livros de que as crianças e jovens dispõem, e se se verifica o influxo histórico do desenvolvimento da disciplina em estudo no âmbito do ensino de língua materna. Uma justificativa para o presente trabalho está no fato de que, cada

¹ Professor da 6ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

vez mais, os estudos de didática da língua vêm ressaltando a relevância da significação linguística no ensino de língua portuguesa, principalmente nos estudos didáticos de vertente funcionalista. Para além dos especialistas (teóricos) em ensino de língua, também a prática dos professores reconhece que o sucesso no desenvolvimento da competência linguística dos alunos depende em grande parte de o trabalho com a significação frasal e textual ser posto em primeiro plano no ensino gramatical como um todo.

Partindo do pressuposto de que o significado linguístico está presente em todas as formas textuais a que temos acesso, seja com relação a representações textuais diretas (material escrito) ou indiretas (multimídias que envolvam a escrita), a competência semântica tem papel fundamental na vida social dos falantes de uma língua, e, sendo assim, deveria ocupar um posto relevante nas aulas de Língua Portuguesa. Considere-se que é esta mesma competência a responsável pelo bom desempenho na interpretação de textos e na elaboração de redações, que pressupõe, entre outras, as etapas de organização da mensagem, de entender ironias e subtextos, compreender metáforas, procurar não cometer pleonasmos (ou cometê-los propositalmente, se assim convier), que constituem o fundamento para a compreensão final do texto, seja este oral ou escrito.

Os livros didáticos têm tentado trabalhar as áreas do português de diferentes formas, através de projetos, com publicidade, charges, tirinhas de jornal, enfim, buscam trazer um pouco do cotidiano do aluno para fazer com que a aula de português seja mais atrativa. O questionamento a ser feito é: será que têm conseguido trabalhar todas as áreas do português? E a semântica, especificamente, como é abordada nos livros didáticos? Que exercícios constam do livro didático que requerem conhecimento semântico? Essas perguntas nortearão o trabalho, principalmente, a análise dos livros escolhidos.

Logo, procurar-se-á observar os livros didáticos de português, que são apoio dos professores e alunos em sala de aula, analisando os pontos que são positivos e os que podem ser aperfeiçoados, discutindo também algumas propostas de didatização da semântica.

1. Pressupostos Teóricos

1.1 A Semântica na GT

Nesta seção buscaremos observar como é tratada a semântica na Gramática Tradicional, tentando reunir as conceituações presentes nas seguintes obras: Sacconi (2008), Cegalla (2008), Almeida (1998), Bechara (1997) e Rocha Lima (2011). Conforme veremos mais adiante, estes autores divergem quanto à nomenclatura, à classificação e à definição dos conceitos semânticos, não raro os casos em que estes estão desigualmente distribuídos nas seções dedicadas à semântica, à etimologia e à estilística.

Todas as gramáticas abordam as relações lexicais (ou de sentido) sinonímia, antonímia, homonímia e paronímia com a mesma nomenclatura e com definições similares, sendo este o núcleo comum a todas as descrições gramaticais estudadas aqui. O que as difere é que nem todos os compêndios gramaticais apresentam um capítulo exclusivo para a semântica. Por exemplo, Napoleão e Rocha Lima não reservaram os conceitos semânticos para um capítulo à parte, diluindo-os em outros capítulos. Encontra-se também como ponto de diferença o tratamento dado às figuras de linguagem, no que se refere à classificação e à sua localização (capítulo), tocando ora à semântica, ora à estilística. Façamos uma breve abordagem da organização dos conceitos de semântica presentes nas gramáticas citadas acima:

1) Rocha Lima (2011) não apresenta um capítulo denominado Semântica. Os aspectos semânticos são discutidos no capítulo Rudimentos da Estilística e da Poética, tratando sinonímia, polissemia, antônimos, homônimos e parônimos, como parte da Estilística léxica, enquanto para figuras de linguagem, há dois capítulos de apresentação.

2) Almeida (1998) não aborda a semântica como um capítulo separado. Entretanto, explicita sua definição e tipos (estática, histórica e etiológica), bem como as figuras de pensamento, no capítulo reservado à Etimologia. Já na seção Analogia Vocabular, o autor apresenta a subseção “Analogia de forma e significação” (ALMEDIA, p. 367) apontando “que há entre as palavras relação entre a forma [...] e a significação”, abordando, então, os homônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

3) Bechara (1997, p. 340) conceitua *semântica* como “o estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido por que estes mesmos vocábulos passam”. O autor, assim, contempla também a semântica sob o ponto de vista diacrônico, acrescentando ainda, que o significado das palavras tem relação com o mundo dos sentimentos e das ideias, mediante a associação de imagens. Um exemplo seria a *folha da árvore*, que deu margem para se pensar em folha de papel. No plano diacrônico (mudança de sentido), Bechara cita os processos de metáfora, metonímia, braquilogia, eufemismo, alterações semânticas (extensão, enobrecimento e enfraquecimento de sentido) e etimologia popular; já no plano sincrônico, estuda as relações de palavras (polissemia, homonímia, etc.). Os conceitos de figuras de linguagem estão separados dos de semântica e reservados para a seção de estilística.

4) Cegalla (2008) concentra-se, na seção referente à semântica, à dicotomia denotação/conotação e à polissemia, sinonímia, antonímia, homonímia e paronímia. Já as figuras de linguagem e vícios de linguagem, à maneira de Cegalla, estão na seção Estilística por constituírem “recurso expressivo da língua”.

5) Sacconi (2008) difere duas abordagens semânticas: na primeira estão o conceito do termo e de homonímia, sinonímia, paronímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia. Num segundo capítulo de semântica, aborda as figuras de linguagem de forma minuciosa, numa classificação rica em figuras de pensamento, figuras de palavras e de sintaxe. Diferentemente de Cegalla (2008), Sacconi (2008) não utiliza o termo *estilística*, restando os vícios de linguagem num capítulo à parte da semântica. Para este autor, os vícios de linguagem são desvios das normas gramaticais, enquanto Cegalla os põe lado a lado com outras formas de estilo.

No quadro abaixo, tem-se uma síntese do que foi apresentado até este momento:

1. Quadro dos conceitos semânticos na gramática tradicional

Conceitos Semânticos				
Obra	Domínios			
	Semântica	Estilística	Etimologia	Figuras de Linguagem
1. Almeida (1998/1956)	-	-	Conceito de semântica e figuras de pensamento. Analogia Vocabular (homonímia, paronímia, sinonímia e antonímia).	-
2. Rocha Lima (2011/1957)	-	Sinonímia, paronímia, homonímia, antonímia e polissemia (estilística léxica).	-	Dois capítulos à parte.
3. Bechara (1997/1979)	Mudança de significação (alteração semântica) Sinonímia, paronímia, homonímia e polissemia, etc.	Estilística Semântica (figuras de palavras e pensamento)	-	-
4. Cegalla (2008/2004)	Sinonímia, antonímia, paronímia, homonímia, polissemia, sentido próprio e figurado, conotação e denotação.	Figuras de linguagem, vício de linguagem, versificação, etc.	-	-
5. Sacconi (2008)	Semântica 1 sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia, hiperonímia, hiponímia.	Semântica 2 figuras de linguagem	-	-
				Vícios de linguagem em capítulo à parte. Ambiguidade como vício de linguagem.

Para Sacconi, a semântica é estudada de forma sincrônica, tanto que em sua gramática cita o termo *sincronia*. Para Bechara (1997, p. 340), a semântica é definida como o estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido por que estes mesmos vocábulos passam; tratando-a de forma diacrônica. Napoleão utiliza sincronia e diacronia, especificando

como (1998, p.380) o estudo dos vocábulos, quer no mundo atual, quer através do tempo e também do espaço. Já Rocha Lima e Cegalla não mencionam estes termos.

Desta breve passagem pelas gramáticas, conclui-se que algumas delas têm uma visão sobre significado ligada ao estilo de quem escreve, como um recurso do escritor, fixando-se só na escrita. Enquanto outros gramáticos, já entendem a Semântica como uma área importante, que merece um lugar na gramática, e que ela pode se dar também nas figuras de linguagem – recurso visto, antes, como algo utilizado somente pelo escritor.

Vejamos abaixo um quadro-resumo de classificação das gramáticas estudadas em relação à dicotomia diacronia/sincronia:

2. Quadro sincronia/diacronia

	Sincronia (relação de palavras)	Diacronia (mudança histórica de significado)
1. Almeida (1998/1956)	X	X
2. Rocha Lima (2011/1957)	-	X
3. Bechara (1997/1979)	X	X
4. Cegalla (2008/2004)	X	-
5. Sacconi (2008)	X	-

Percebe-se que alguns dos gramáticos estudados, como Almeida (1998), Rocha Lima (2011) e Bechara (1997) partem ou consideram importante uma noção de semântica estreitamente ligada à mudança histórica, enquanto os mais modernos estabelecem separação mais nítida entre o que é do nível do semântico daquilo que é do nível do etimológico, preferindo o primeiro (Cegalla (2008) e Sacconi (2008)). Assim, há uma tensão básica que podemos verificar do que analisamos: de um lado, a semântica tradicional advém de uma concepção de semântica que é indistinta dos estudos etimológicos (de mudança histórica) e estilísticos, análise esta que corrobora a pesquisa de Geeraerts (2010) sobre o desenvolvimento histórico da disciplina semântica lexical, que concebe que há duas vertentes dos estudos semânticos: uma pré-estruturalista (ou seja, diacrônica, histórica, tradicional e estilística) e uma estruturalista (das relações de significado entre palavras (sinonímia, polissemia, etc.)). Como vemos nos quadros acima, os estudos gramaticais mais recentes vieram a incorporar aspectos da semântica de cunho

estruturalista, sobremaneira as relações lexicais ou de palavras: sinonímia, homonímia, antonímia, etc. Porém, afora tais relações de palavras, não há a menção a outros conceitos de semântica estruturalista, muito menos tópicos de semântica lexical pós-estruturalista, como a gerativista e a cognitivista.

Além disso, cabe ressaltar que as gramáticas analisadas restringem-se ao estudo das formas isoladas, ou seja, dos vocábulos, permanecendo no âmbito da semântica lexical e não adentrando a seara da semântica frasal ou textual.

1.2 O ponto de vista da Linguística

A Semântica é tratada pela Linguística de forma mais minuciosa e com um método específico, muito diferentemente das abordagens mais tradicionalistas em relação ao tema em questão, portando explicações mais detalhadas e aprofundadas sobre o que envolve tópicos como sinonímia, metáfora, ambiguidade, etc. Cançado (2008, p. 15) conceitua semântica como o estudo do significado das palavras e das sentenças e acrescenta, ainda, definição mais estendida desta noção ao redigir o seguinte parágrafo:

A semântica pode ser pensada como a explicação de aspectos da interpretação que dependem exclusivamente do sistema de língua e não, de como as pessoas a colocam em uso; em outros termos, podemos dizer que a semântica lida com a interpretação das expressões linguísticas, com o que permanece constante quando uma certa expressão é proferida. (CANÇADO, 2008, p.17)

A partir desta explicação, pensa-se que a Semântica é analisada fora de um contexto, porém, muitas vezes, separá-la do uso, que seria a Pragmática, não é uma tarefa possível. Pense no exemplo “Ele é barbeiro.”. O vocábulo “barbeiro” se não estiver dentro de contexto, tornará a palavra ambígua, barbeiro no sentido de profissão ou com significado de desastrado, ou ainda, em contextos específicos, significando um tipo de inseto.

Para melhor compreender as principais propriedades semânticas e um pouco das teorias que buscam explicar os fenômenos semânticos, ter-se-á como base neste trabalho a contribuição de Cançado (2008).

Algumas das propriedades semânticas mencionadas pela autora são hiponímia, acarretamento, pressuposição e implicatura conversacional; paráfrase e sinonímia; contradição e antonímia; ambiguidade e vagueza; protótipos e metáforas; papéis temáticos e atos de fala. Podemos perceber na comparação com o que delineamos na seção anterior deste artigo, que tópicos como sinonímia, antonímia, hiponímia, ambiguidade (homonímia e polissemia) e metáfora são frequentes nos estudos semânticos, sendo abordados tanto nos manuais de gramática como nos manuais de linguística.

Exemplifiquemos as diferenças nas abordagens tradicional (gramáticas) e linguística das propriedades listadas acima com o conceito de sinonímia. Como será visto mais adiante, na seção relativa à análise, a sinonímia é entendida, segundo Cançado (2008) como a propriedade semântica que dois itens lexicais têm quando apresentam não só a mesma referência, como o mesmo sentido (distinção esta advinda semântica referencial e que remonta aos estudos de Frege no início do século XX). Obviamente tal conceito estará baseado na definição do que sejam *referência* e *sentido*. Nas gramáticas, não uma preocupação com axiomas ou a definição clara de conceitos estruturantes da teoria proposta. Ainda que muitas definições dos manuais gramaticais apontem para tautologias, contradições e definições circulares, no caso da sinonímia, nosso exemplo, o caso não é tão grave: a Gramática Tradicional geralmente peca pela vagueza, ao definir palavras sinônimas simplesmente como “correspondentes” ou “idênticas” no que tange aos seus sentidos. Para Bechara (1997, p. 345), por exemplo, a noção de sinonímia está ligada ao “fato de haver mais de um vocábulo com a mesma ou quase a mesma significação”.

No caso da ambiguidade, nos compêndios gramaticais estudados, alguns a veem como vício de linguagem, geralmente alocando polissemia e homonímia em outra seção da obra, não relacionando, portanto, diretamente as conceituações das três propriedades.

A metáfora, nas gramáticas utilizadas, é apontada meramente como recurso da linguagem literária, tendo os estudos linguísticos de semântica demonstrado que a metáfora constitui, antes, um processo mental presente na formação do léxico num sentido muito mais amplo, como no célebre trabalho de Lakoff e Johnson (1981 apud Cançado, 2008). Nesta perspectiva, a metáfora estaria estruturada numa comparação, na qual há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro. O fato de a noção de metáfora estar mais atrelada à de escrita literária levou a tradição gramatical a situá-la mais no âmbito da estilística do que propriamente no de gramática.

Outro aspecto importante de diferenciação entre as abordagens tradicional e linguística das propriedades semânticas é a questão da semântica sentencial. A preocupação dos estudiosos, ao longo da extensa história da tradição gramatical, esteve sempre voltada à evolução do sentido das palavras, à etimologia e, em alguns casos, à relação de sentido entre as palavras, ou seja, sempre visando recobrir um âmbito estritamente de semântico-lexical e raramente aventurando-se a transcender os limites da palavra e pensar a semântica em contextos mais amplos, como a sentença ou mesmo o parágrafo, o texto ou o discurso. E como apontamos em mais de uma oportunidade aqui, esta semântica lexical tradicional também não abandonou o âmbito da mudança de sentido lexical, sendo que tivemos de esperar a segunda metade do século XX para adentrar a seara da definição em si do que é sentido lexical e iniciar o debate das teorias mentalistas em semântica (e filosofia), que conferem à semântica lexical um *status* de suma relevância na discussão do que seja mente, sentido e cognição.

Ainda seguindo a leitura de Cançado (2008), cabe citarmos um importante aspecto da teoria semântica moderna não abordado nos estudos de feição tradicional: a relação sintaxe/semântica. Propriedades semânticas como a ambiguidade não são puramente *fenômenos de sentido*, visto que dependem, em muitos casos, também da construção sintática, dos valores verbais, das categorias sintáticas (como a preposição e a conjunção). Sendo que ainda podemos estender o estudo de semântica para as demais interfaces que esta mais com os demais níveis de análise linguística, tais como a morfologia, o léxico e o discurso.

Os limites do presente artigo seriam, por óbvio, extrapolados se visássemos aqui a recobrir todos os principais aspectos da teoria semântica de cunho linguístico, mas quisemos destacar e precisar as disparidades entre o tratamento tradicional e o científico da semântica, pois estaremos avaliando a abordagem do tema presente nos livros didáticos, com suas conceituações e propostas de didatização, no que respeita a teoria semântica, procurando medir o quanto aquela se aproxima ou se distancia da tradição gramatical e o quanto incorpora ou ignora as contribuições teórico-linguísticas.

2. Corpus da Pesquisa

Para esta pesquisa foi selecionado um conjunto de livros didáticos destinados a séries diversas, que organizamos conforme a tabela a seguir. Para facilitar a análise, usaremos a legenda

A, B, C, D e E explicitada na tabela. Os quatro primeiros itens do *corpus*, conforme podemos observar mais abaixo, os Livros A, B, C e D, recobrem da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental, e o Livro E recobre do 1º. ao 3º. ano do Ensino Médio. O *corpus* selecionado é composto pelas seguintes obras:

Quadro 1: *Corpus* da Pesquisa

Nome	Autor	Série	Ano da Edição	Editora
A. Projeto Araribá Português	Organizado pela Editora Moderna	5ª série	2006	Moderna
B. Projeto Radix Português	Ernani Terra; Floriana Cavalleto	7º ano/ 6ª série	2012	Scipione
C. Português Linguagens	Willian Cereja; Thereza Magalhães	7ª série	2006	Atual
D. Tecendo Linguagens Língua Portuguesa	Tânia Oliveira; Elizabeth Gavioli; Cícero de Oliveira; Lucy Araújo	8ª série	2006	IBEP
E. Português Maia	João Domingues Maia	Ensino Médio – 1º ao 3º ano	2009	Ática

Nos livros didáticos analisados, encontram-se conceitos (e suas aplicações) de sinonímia, ambiguidade, metáfora, figuras de linguagem e denotação e conotação. Veremos na próxima seção como tais noções são apresentadas e discutidas. Passemos, então, à nossa análise.

3. Análise de Conteúdo

Dos conteúdos de semântica comuns tanto à abordagem dos manuais de gramática quanto à abordagem da teoria semântica observadas na seção 1 deste artigo, selecionamos os seguintes tópicos como parâmetro para a nossa análise: 1. Sinonímia; 2. Ambiguidade; 3 Denotação e conotação / figuras de linguagem. Vejamos o exame destes três âmbitos a seguir:

3.1 Sinonímia

A sinonímia, nas gramáticas consultadas, é um dos temas mais frequentemente abordados quando se trata de estudos de semântica acerca das relações de sentido entre palavras, e não raramente vem acompanhada das demais relações, quais sejam, a antonímia, paronímia e homonímia.

Em geral, nos livros didáticos analisados, o conteúdo de sinonímia é trabalhado a partir de uma contextualização, partindo-se da leitura de textos, em que constam itens de vocabulário que devem ser substituídos por outros que se lhe aproximem em significação. Em alguns casos, são fornecidas alternativas para a resposta, já em outros, é solicitado ao aluno que elabore sozinho a resposta.

Exemplificando o que foi dito acima, vejamos o seguinte um exercício do Livro A, em que é solicitado ao aluno determinar entre as alternativas que lhe são apresentadas, aquela que corresponde em significado à expressão grifada.

1 Reescreva a frase no caderno, substituindo a expressão destacada pela expressão de significado correspondente.

“[...] **sem delongas** disse:
— Vim matricular meu filho.”

- Sem demora. **x**
- Em linguagem simples.
- Sem obedecer ao regulamento.



(KANASHIRO, 2006, p.16)

Encontra-se, também, com menos frequência do que o uso de contextos textuais, tiras de jornal. Observemos:



(CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p.82)

Fazendo parte da subseção “A língua em foco”, nesta tira é solicitado ao aluno determinar o sentido de “engraçadinho”, a partir deste questionamento “Qual é o sentido da palavra **engraçadinho** no contexto?” Este tipo de exercício demanda do aluno que mobilize suas estratégias de definição lexical, o que redundará em provocar que proponha sinônimos, haja vista ser a sinonímia uma das ferramentas mais recorrentes nas definições de palavras. No exemplo, a sugestão do autor foram os vocábulos *gracioso* e *bonitinho*.

Estes dois últimos exemplos citados, a ordem do exercício, de que o aluno devesse propor uma expressão “que se aproximasse” do sentido de “sem delongas” e “engraçadinho”, possibilita que a reflexão acerca da sinonímia como uma relação gradual entre dois extremos (+ próximo, - próximo). Esta é uma oportunidade ao professor de demonstrar que a noção de “aproximação de sentido” não corresponde necessariamente à de sinonímia perfeita. Valeria aqui considerar a seguinte diferenciação teórica proposta por Sacconi (2011):

Raramente as palavras apresentam sinonímia perfeita. Enfim, duas palavras são totalmente sinônimas quando substituíveis, uma pela outra, em todos os contextos. Duas palavras são parcialmente sinônimas quando, ocasionalmente, surge a possibilidade de se substituírem uma pela outra, num único enunciado isolado.

(SACCONI, 2008, p.512)

Pode também ocorrer sinonímia estrutural, que seria a relação sinonímia entre sentenças, como acontece neste exercício:

4. Leia o par de frases a seguir.

- Escola suspende as aulas por falta d'água.
- Aulas são suspensas pela escola por falta d'água.

a) Em qual das duas orações se pretende alertar que as aulas estão sendo prejudicadas pela falta de água? Explique.

b) O que enfatiza a primeira oração?

(ARAÚJO, 2006, p.25)

As duas sentenças transmitem a mesma mensagem: *a falta de água é a causadora da suspensão das aulas pela escola*. Porém uma enfatiza a escola, e a outra, as aulas. Este exercício

faz com que o aluno reflita acerca construção da frase quando se tenta parafraseá-la, porém este tipo de atividade não ocorre com tanta frequência nos livros didáticos. Cabe mencionarmos que este tipo de exercício é muito interessante no sentido de ir além da semântica lexical e visar a possibilitar ao aluno que desenvolva a noção de sinonímia no nível da frase e, portanto, de semântica frasal.

3.2 Ambiguidade

Trabalhar o conceito de ambiguidade nas aulas de língua portuguesa é de inegável valia para o aluno, na medida em que este é um conceito útil tanto para interpretação quanto para a produção textual.

Na análise do *corpus*, encontraram-se ocorrências de dois tipos de ambiguidade: lexical e estrutural. A ambiguidade lexical acontece quando “a dupla interpretação incide somente sobre o item lexical” (CANÇADO, 2008, p.63) e pode ser causada pela homonímia ou pela polissemia. O exercício abaixo contém ambiguidade gerada por polissemia e propõe a seguinte ordem “Este anúncio foi publicado no dia 6 de maio, portanto às vésperas do Dia das Mães. O enunciado *Dê um presente que mexa com a sua mãe* apresenta ambiguidade. Quais são os sentidos do enunciado?”.

www.sundown.com.br | 0800 721 9112

Dê um presente que mexa com a sua mãe.

Coloque a mamãe para pedalar e aproveitar a vida fora de casa.
Conheça a linha feminina de bikes Sundown, uma delas vai mexer com a sua mãe.

SUNDOWN
É TUDO DE BIKE. É TUDO DE BOM.

(Folha de S. Paulo, 6/5/2005.)

Este exercício possibilita a dupla interpretação do vocábulo “mexer”, salientando a polissemia da referida palavra. O item lexical “mexer” pode tanto significar uma atividade de natureza física quanto remeter a uma ideia de tocar emocionalmente alguém, sendo dúbio em alguns contextos, como o da sentença acima. Porém, neste exemplo, a ambiguidade traz consigo uma função conativa, nos termos de Jakobson: serve não para confundir, mas para persuadir. Ou seja, a ambiguidade lexical não constitui mero embaraço quando da interpretação por parte do leitor/ouvinte, mas também pode ser uma provocação ou convite ao jogo dos sentidos múltiplos, para efeitos conativos vários, a serviço de intenções também várias: arte (embelezamento), política (estratégia de convencimento), publicidade (persuasão), humor e/ou ironia (os chamados *duplos sentidos* ou *calembours*), etc. Apresentar esta perspectiva ao aluno, de que a ambiguidade foi produzida propositalmente, sendo um recurso da linguagem publicitária, contribui para uma reflexão não óbvia ou pré-formatada acerca do sentido e das suas múltiplas possibilidades.

A homonímia é mais frequente nas obras analisadas, diferentemente da polissemia, que nem sempre é mencionada. A definição encontrada no Livro B (CAVALLETE; TERRA, 2012), p. 157) refere-se aos homônimos como “palavras que possuem a mesma pronúncia ou a mesma grafia, mas significados diferentes. É o caso de **manga**, que pode ser o nome de uma fruta ou a parte da roupa que recobre o braço total ou parcialmente”. Os exercícios que envolvem homonímia partem da interpretação dos vocábulos num texto ou em tirinhas, como esta:



(CAVALLETE; TERRA, 2012, p. 159)

A ambiguidade sintática é mais um tipo de ambiguidade estrutural e na análise do *corpus* ocorreu com menos frequência. Segundo Cançado (2008, p.68), “neste tipo de ambiguidade, não é necessário interpretar cada palavra individualmente como ambígua, mas se atribui a ambiguidade às distintas estruturas sintáticas que originam as distintas interpretações.” Ao

organizar o enunciado, o aluno tentará eliminar a ambiguidade que não está em determinada palavra, mas na estrutura da frase, utilizando a interpretação. No exercício abaixo, direcionado ao Ensino Médio, busca-se o que foi explicado: organizar a mensagem, eliminando a ambiguidade sintática:

8. (ENEM) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

***CAMPANHA CONTRA VIOLÊNCIA DO GOVERNO DO ESTADO
ENTRA EM NOVA FASE***

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

- a) Campanha contra o governo do Estado e a violência entra em nova fase.
- b) A violência do governo do Estado entra em nova fase de Campanha.
- c) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
- d) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
- e) Campanha do governo do Estado contra violência entra em nova fase.

(MAIA, 2009, p.353)

A ambiguidade lexical, como já foi dito anteriormente, é a que tem mais ocorrências em vista da ambiguidade sintática, pois o foco é um item lexical, e não a estrutura da frase, sendo assim mais fácil de ser encontrada. Contudo, explorar a ambiguidade seja ela lexical ou estrutural, nas aulas de Língua Portuguesa, possibilita ao aluno desenvolver muito seu raciocínio em termos de multiplicidade e construção de sentidos.

3.3 Denotação e Conotação/ Figuras de Linguagem

Das gramáticas consultadas, algumas consideram denotação, conotação e figuras de linguagem pertencentes à semântica, enquanto outras remetem-na à estilística. A partir desta observação, notou-se que, em alguns dos livros didáticos, denotação e conotação são trabalhadas conjuntamente com figuras de linguagem.

A denotação corresponde ao sentido básico da palavra, enquanto a conotação corresponde a sentidos possíveis a partir daquele básico e tem relação estreita com processos semânticos que a tradição (mal-)denominou de figuras de linguagem, entre outras, com a metáfora. No *corpus*

analisado é recorrente a menção a três destes processos: metáfora e comparação, hipérbole e prosopopeia. Destaca-se que comparação e metáfora são trabalhadas como figuras de linguagem, como se encontra em um dos livros analisados:

Comparação é a figura de linguagem que consiste em aproximar dois seres pela semelhança, de modo que as características de um sejam atribuídas ao outro, e sempre por meio de um elemento comparativo expresso: **como, tal, qual, semelhante a, que, nem, etc.**

Metáfora é a figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra com sentido que não lhe é comum ou próprio, sendo esse novo sentido resultante de uma relação de **semelhança**, de **intersecção** entre dois termos.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p.115)

Ao destacar que comparação e metáfora são definidas como figuras de linguagem não foi com a intenção de questionar como são conceituadas e sim, de mostrar que a comparação nas gramáticas não é definida nem sequer mencionada como figura de linguagem. Além de metáforas, encontram-se outras figuras como hipérbole, prosopopeia, metonímia e ironia, como as mais exploradas, em exercícios com propagandas e com trechos de poemas.

3.4 Semântica e suas interfaces

As atividades apresentadas, nesta última parte do trabalho, finalizam a análise dos livros didáticos. Estas atividades requerem do aluno conhecimentos de semântica na sua interface com a morfologia, de sintaxe e como pressuposto para a aplicação de pontuação. É interessante notar que também no âmbito morfológico, seja dos morfemas lexicais como dos derivacionais, há também conteúdo semântico, haja vista a própria noção de morfema como unidade mínima com significado, o que aponta para o fato de que o sentido lexical pode em muitos casos (como nas palavras multimorfêmicas) ser composto, ou pelo menos construído sobre a significação de unidades menores do que o item lexical.

2 Releia este trecho:

“Havia umas que eram boazinhas [...]”

O sufixo **-inho(a)** geralmente serve para indicar o diminutivo. Algumas vezes, porém, ele indica afetividade de quem está falando, como em **boazinhas**, ou mesmo o desprezo.

a) Em qual(is) das frases a seguir o sufixo **-inho** não indica tamanho pequeno, mas tem valor afetivo ou depreciativo [de desprezo]? Copie-as em seu caderno e explique.

Coleciono **carrinhos** de brinquedo.
 Você está ficando muito **espertinho!**
 A moça chamava o namorado de dois metros de **amorzinho**.
 Não seria um **joguinho** daqueles que o deixaria triste.



José Luis Juras/Arquivo da editora

(CAVALLETE; TERRA, 2012, p. 32)

Ao apresentar o valor afetivo ou depreciativo do sufixo **-inho**, a atividade explora a contribuição da significação do morfema (diminutivo).

Vejamos agora um caso de exercício que explora o sentido frasal na sua relação com a sintaxe frasal:

2. Leia as frases a seguir e compare-as quanto ao sentido.

O menino doente não pôde participar da competição esportiva.

O menino, doente, não pôde participar da competição esportiva.

- Qual é a diferença de sentido entre elas?
- Qual é a função sintática da palavra **doente** em cada uma das frases?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p. 86)

Nesta atividade, o objetivo é que o aluno reflita acerca da diferença entre o sentido do adjetivo *doente* na primeira sentença (estado permanente) e na segunda sentença (estado temporário), e, ainda, que investigue a motivação sintática para tal diferença. Se o objetivo do exercício for alcançado, o aluno identificará que a razão radica justamente no fato de que o adjetivo em questão apresenta funções sintáticas diversas em cada um dos casos: no primeiro exemplo, desempenha o papel de adjunto adnominal, e, no segundo, o de aposto, diferença esta encontrada entre as categorias sintáticas restritivas e explicativas. Este exercício é parte do

subtítulo “Semântica e discurso do Livro C do *corpus* e constitui um bom exemplo de atividade que extrapola os domínios da semântica lexical, adentrando as áreas de interface da semântica.

Em relação à pontuação, cabe citar os exercícios que trabalham o emprego da vírgula e sua motivação sintático-semântica.

3. Leia esta frase:

Você tem uma linda filha moça.

Explique a mudança de sentido que ocorreria nesta frase se fosse colocada uma vírgula depois da palavra **filha**.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p. 177)

Ao colocar a vírgula após o vocábulo “filha”, a palavra “moça” se tornaria um vocativo e não mais um adjunto adnominal que se referia a filha como uma pessoa jovem, modificando o sentido da frase. A alteração da pontuação, neste exemplo, acarreta alterações de ordem semântica, mais especificamente no sentido da palavra “moça”, que, ao se tornar vocativo perde seu conteúdo semântico adjetival incorporando outro sentido, vagamente correspondente àquele de chamamento de uma mulher, não necessariamente jovem, diga-se de passagem.

Para finalizar a análise, é interessante destacar um exercício que utiliza a lógica a partir de contradições. Contradição, segundo Cançado (2008, p. 47), é quando “a sentença (a) é contraditória, quando (a) nunca puder ser verdadeira; ou quando não existir uma situação possível no mundo descrita por (a).” O exercício seguinte parte do poema “Quiproquó”, que apresenta contradições como neste trecho: “Há uma torneira sempre a dar horas, há um relógio a pingar no lavabo, há um candelabro que morde a isca...”:

3. Na 1ª e na 2ª estrofes, o eu lírico menciona uma série de elementos que estão à sua volta: torneira, relógio, candelabro, etc. Observe o vínculo estabelecido entre esses elementos e seus atributos (qualidades, características). Há lógica nesse vínculo? Justifique sua resposta com exemplos do texto.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p. 43)

Como foi definida, a contradição se dá quando uma sentença não tiver possibilidade de ser descrita ou não for verdadeira, sendo isso que acontece no poema. O exercício questiona se há

lógica nas sentenças, para conduzir o aluno à percepção de que são situações contraditórias, logo não passíveis de ocorrer. Destacou-se este exercício, pelo fato de ele explorar a lógica através da contradição, buscando expandir os recursos de interpretação a serem trabalhados com os alunos.

5. Conclusão

Ao analisar o *corpus*, constatou-se que há o estudo do significado a partir de textos como poemas, tirinhas, crônicas, porém alguns aspectos semânticos são explorados, enquanto outros ganham pouca atenção. Não se pode negar que alguns dos livros didáticos analisados, procuram dar um espaço mais abrangente à semântica, como é o caso de *Português Linguagens*, que tem como subtítulo “*Semântica e discurso*”. Tem-se como ponto positivo este destaque mencionado acima, pois procura apresentar ao aluno o sentido dos artigos, das conjunções, a ordem frasal e a pontuação, junto com a morfologia e a sintaxe, sendo visto como um grande passo ao caminho do estudo do significado.

Os conhecimentos semânticos abordados foram a sinonímia, sendo a mais explorada em todo o *corpus* analisado, a ambiguidade, compreendendo a homonímia e a polissemia, mas não tão recorrente quanto a sinonímia, e as figuras de linguagem, em que se teve como explicação inicial conotação e denotação ou linguagem figurada. Apesar de ter encontrado atividades que envolviam polissemia ou homonímia, observou-se que foram poucas ocorrências. Os livros didáticos analisados, no geral, centraram sua atenção na sinonímia, perdendo a oportunidade de explorar outros aspectos semânticos ao longo das atividades.

O *corpus* explicita alguns conceitos como as definições de sinônimo, de homônimo, de figuras de linguagem (definindo as que serão trabalhadas), sendo estes conceitos adequados, pois estão de acordo com a gramática e a Linguística, tendo como exemplo os sinônimos, conceito segundo o qual não é necessária identidade absoluta de sentidos, mas identidade relativa (sentidos semelhantes).

Por sinonímia ter sido o aspecto semântico mais explorado no *corpus*, como já foi mencionado, percebe-se que, muitas vezes, tenta-se conceituá-la implicitamente através das ordens das atividades, como forma de explicação. Encontra-se, nos exercícios, “significado correspondente”, “palavra equivalente”, “substituir a palavra”, “palavra com significado mais próximo”, etc.. Quando se procura a definição explícita do que venha a ser sinonímia,

encontram-se conceitos como “palavras de significados parecidos” (KANASHIRO, 2006, p. 90), outras vezes, como recurso de coesão, “palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas” (ARAÚJO, 2006, p. 117), com o exemplo do vocábulo “carro” e seus possíveis sinônimos. Outro conceito de sinonímia é também encontrado em outro livro didático, também como recurso coesivo, sob a designação de substituição ou sinonímia, definida como “referência a uma parte ou componente do texto já mencionado (uma personagem, um objeto, uma ação, uma qualidade) por meio de sinônimos ou palavras análogas ou afins” (MAIA, 2009, p. 213).

Ao observar as definições de sinonímia nas gramáticas, encontram-se designações como séries sinonímicas, como menciona Rocha Lima (2011, p. 581); sinonímia perfeita e imperfeita, como cita Sacconi (2008, p. 512), vocábulo com a mesma significação ou quase a mesma, parafraseando Bechara (1997, p.345). Os estudos linguísticos, por sua vez tratam a sinonímia de forma mais detalhada, trazendo a noção de referência e sentido, bem como a de sinonímia contextual como fator importante.

O que se entende é que, nos livros didáticos, a sinonímia é tratada de forma resumida e restrita, como nas gramáticas, em que se procura defini-la, mas não se adentra aspectos seus mais específicos, como o contexto necessário para que haja sinônimos perfeitos, por exemplo. No que se refere à sinonímia como recurso coesivo, há de ser registrado que os livros didáticos analisados são competentes, pois procuram apresentar uma utilização fundamental deste recurso linguístico, que é a retomada de texto. Acreditamos que este seja um ponto fundamental para se pensar uma proposta de didatização para a sinonímia, e, portanto, para as demais propriedades semânticas abordadas no nosso trabalho: focar o texto como o nível de análise linguística privilegiado para a análise do conteúdo semântico dos itens lexicais e das frases da língua, ou seja, temos que, se colocarmos a clareza e compreensão como fim da mensagem transmitida, os meios (recursos linguísticos) serão trabalhados em função da meta a ser alcançada: a interpretação.

Podemos dizer que o material relativo à semântica observado no *corpus* não recobre todas as propriedades semânticas mais importantes, pois, como foi visto, está concentrado na sinonímia, ainda que seja muito válida a tendência ao desenvolvimento de exercícios que vão além da semântica lexical, tocando aspectos da semântica frasal e das interfaces da semântica com a morfologia e a sintaxe, por exemplo.

Conclui-se que poderia ter se explorado mais o estudo do significado adensando-se o estudo da ambiguidade e das figuras de linguagem, aproveitando situações de fala, por exemplo. Enfim, há pontos positivos como os já expostos, em que se encontraram atividades interessantes, assim como pontos em que se pode melhorar, ficando como sugestão um trabalho que envolva a aplicação das propriedades semânticas a situações comunicativas concretas.

Sendo assim, após a análise do *corpus*, procura-se apresentar uma proposta de ensino que tenha como objetivo utilizar os conhecimentos semânticos que os livros didáticos oferecem, e colocá-los na prática escrita, alertando o aluno que, ao escrevermos, temos a intenção de sermos compreendidos ou gerarmos a dupla interpretação, quando este for o propósito. Esta prática escrita se dá ao criarmos uma frase, ao elaborarmos um parágrafo ou um texto, procurando ter clareza ao escrever. Abrangendo um pouco mais a proposta, poderia se utilizar a sinonímia, da forma como alguns dos livros didáticos a apresentam – como recurso coesivo –, e explorá-lo na elaboração textual, tendo em vista que a repetição de determinadas palavras, no texto, é um problema que se encontra com frequência. Ao trabalhar a noção de sinonímia enquanto possível aplicação na coesão lexical – como um recurso textual –, está-se trabalhando, concomitantemente, as relações lexicais (de sentido), a construção da significação geral do texto, bem como o uso específico da sinonímia (muitas vezes também da hiperonímia/hiponímia) na coesão textual.

Sugere-se também, tanto para elaboradores dos livros didáticos de português quanto para os professores de língua, incorporarem atividades como as que constam no livro *Introdução à semântica: brincando com a gramática*, de Rodolfo Ilari. Neste livro, encontram-se sugestões para explorar aspectos semânticos, partindo de um tema com objetivo e seguindo em direção a exercícios, jogos, leituras, pesquisas, com foco no significado, para assim refletir sobre o funcionamento da língua. O livro é recomendado, pelo autor, aos professores de português e aos estudantes de Letras, e conta com explicações sobre ambiguidade, implícitos, linguagem figurada, entre outros aspectos semânticos. Finalizando a proposta, é interessante citar que, por exemplo, na parte de ambiguidade, discute-se a segmentação, em que as palavras ao serem pronunciadas podem formar outros vocábulos, alterando o sentido. Ao explorar a segmentação, utiliza-se, algo corriqueiro do aluno, a fala, para depois se chegar ao objetivo, que é a escrita clara do que se quer transmitir. Conclui-se, então, que a significação está na fala, na escrita, na

interpretação, enfim é algo que merece um espaço maior nos livros didáticos e na aula de língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 42. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

ARAÚJO, Lucy de et al. *Tecendo linguagens – Língua Portuguesa: 8º série*. 1. ed. São Paulo: IBEP, 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus*. 36 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1997.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2 ed. revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CAVALLETE, Floriana Toscano. TERRA, Ernani. *Projeto Radix: português: 7ª ano*. São Paulo: Scipione, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Nova minigramática da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens: 7ª série*. 4. ed. São Paulo: Atual, 2006.

GEERAERTS, Dirk. *Theories of lexical semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

KANASHIRO, Áurea Regina (Org.). *Projeto Araribá: português, 5ª série / obra coletiva*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MAIA, João Domingues. *Português, Ensino Médio, volume único*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2009.

MOKVA, Ana Maria Dal Zott. *Um olhar crítico ao ensino de semântica em livros didáticos*.

ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 4, 2000, Curitiba, PR.

Anais... Curitiba, Mídia Curitibana, 2001. Disponível em

<<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/008.htm>>. Acesso em julho 2012.

OLIVAN, Karen Neves. *A semântica e o ensino de Língua Portuguesa*. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em
<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/10038>

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática Completa Sacconi*. 29 ed. São Paulo: Nova Geração, 2008.